

Jorge Fernandes Alves- Recensão de *Correntes de Ouro. Emigração Portuguesa para a Argentina em Perspetiva Regional e Transatlântica*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 293-295. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1r2

**BORGES, Marcelo J. (2018), *Correntes de Ouro. Emigração Portuguesa para a Argentina em Perspetiva Regional e Transatlântica*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais. ISBN 978-972-671-454-5, 386 pp.**

Jorge Fernandes Alves  
FLUP/CITCEM  
jfalves@letras.up.pt

Quase uma década depois da sua publicação original, chega finalmente a um público português mais alargado a obra referencial de Marcelo J. Borges sobre a corrente migratória de portugueses rumo à Argentina, após a sua recente tradução em língua portuguesa. Fruto de um longo percurso de investigação (uma década, segundo o autor) que decorreu em três países (Argentina, Portugal e Estados Unidos), recolhendo diversos apoios institucionais, este trabalho de investigação tem o grande mérito de se debruçar sobre uma corrente minoritária no volume global da emigração portuguesa tradicional, mas que era, em determinada conjuntura, dominante na emigração regional do Algarve, cuja população não se fixava na “miragem do Brasil”, com sublinha Marcelo J. Borges: “em 1912, por exemplo, no pico da migração transatlântica, 9 em cada 10 migrantes de Portugal continental partiam para o Brasil; em contrapartida, 8 em cada 10 migrantes algarvios escolhiam a Argentina como país de destino”, o que suscitava juízos contraditórios nos observadores da época.

Uma emigração destinada à Argentina que teve o seu apogeu quantitativo na transição dos séculos XIX-XX, mas com raízes coloniais que remetem para os séculos XVII e XVIII, durante a dominação espanhola, mantendo-se ao longo dos anos, com naturais variações. O estudo dá-nos a evolução das entradas de portugueses na Argentina entre 1857-1959, período que atinge o volume de 79822 chegadas de imigrantes, dos quais cerca de metade (35470) partiram posteriormente. Obviamente, este fluxo não incorporava só algarvios, surgindo portugueses de outras origens. Com uma abordagem meso e micro e centrando-se nos “migrantes”, o estudo procura analisar esta emigração partindo da sua incidência e das suas redes em duas paróquias rurais algarvias (Boliquireme e S. Brás de Alportel) e em duas comunidades portuguesas na Argentina – Villa Elisa e Comodoro Rivadavia, a primeira na província de Buenos Aires, marcada pela horticultura familiar e cultivo de flores para os mercados urbanos, a segunda na província patagónica de Chubut, 2000 km a sul da capital, em que os portugueses se integram num centro

Jorge Fernandes Alves- Recensão de *Correntes de Ouro. Emigração Portuguesa para a Argentina em Perspetiva Regional e Transatlântica*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 293-295. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1r2

urbano, instalados em vilas operárias, centro estruturado em torno da exploração petrolífera e de atividades industriais e de serviços conexos.

Revisitando o Algarve dos inícios do século, partindo dos estudos já clássicos de Léon Poincard e Paul Descamps, alargados a uma larga bibliografia e a fontes locais, Marcelo J. Borges foca a terra e os seus usos, caracterizando a vida rural, os grupos sociais e os grupos familiares, destacando a emigração como estratégia familiar, evidenciando as ausências habituais visíveis nos róis de confessados, para concluir que “entre a população rural algarvia, a migração laboral emergiu como um meio de lidar com a escassez de recursos e de complementar a economia das famílias”, através do trabalho assalariado.

Ganha relevo neste estudo, o capítulo sobre os “padrões regionais de migração”, com o autor a desenvolver uma abordagem sistémica, ensaiando a articulação das deslocações históricas dos algarvios nos circuitos internos, internacionais e transatlânticos das migrações laborais. Nesta linha, equaciona o sistema sul-ibérico, em que Gibraltar, Sul de Espanha e Alentejo surgiam como destinos, o sistema migratório atlântico, com destinos transatlânticos, incluindo África e América, analisando redes e vicissitudes, com o autor a sublinhar que “as pessoas constroem percursos com base em tradições anteriores e fazem uso do conhecimento adquirido com a experiência”, mas as alterações de condições alteram a opção do destino, pelo que a emigração para a Argentina era apenas um destino, embora muito relevante, das migrações algarvias.

As “correntes de ouro” (ornamento dos regressados da Argentina) dão título ao IV capítulo e ao volume, servindo para introduzir o estudo das duas, já referidas, comunidades imigrantes na Argentina, de Comodoro Ribadavia e de Villa Elisa, orientadas em torno dos campos petrolíferos e das hortas suburbanas, com experiências de vida dos imigrantes muito diferenciadas, aí ocorrendo portugueses de diversas origens geográficas, incluindo algarvios. Num denso trabalho de campo, recolhendo histórias de vidas, Marcelo J. Borges reconhece as redes de influência, as fases da emigração em cadeia, não obliterando os “elos partidos” dessas cadeias, os “esquecidos” e o seu papel “narrativa geral da migração algarvia para a Argentina”, nem os “intermediários étnicos”.

No longo capítulo final, intitulado “Ganhar e fazer a vida: adaptação económica e social”, com recurso a informações diversas, incluindo entrevistas, é o quotidiano do imigrante que emerge. Em Comodoro Ribadavia, visto como um novo El Dorado, “na forma de um óleo que era preciso desentranhar das profundezas da terra, o emigrante, em

Jorge Fernandes Alves- Recensão de *Correntes de Ouro. Emigração Portuguesa para a Argentina em Perspetiva Regional e Transatlântica*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 293-295. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1r2

geral pouco habilitado, é, por isso, conduzido para trabalhos pouco sofisticados na área petrolífera, mas beneficiando dos desenvolvimentos do “Estado social” criado pelo peronismo. Por seu turno, os portugueses de Villa Elisa integravam-se no desenvolvimento de uma agricultura intensiva com base na floricultura. Com a escolha do lugar de destino a ser influenciada largamente pela disponibilidade de informação e contactos iniciais dos emigrantes, Marcelo J. Borges sublinha que as “suas competências e anteriores ocupações pouca importância tinham para a sua nova adaptação económica. Eram as características dos lugares de imigração que davam forma às experiências de trabalho dos migrantes”. Desta forma se criaram “comunidades distintas com diferentes oportunidades para homens e mulheres e com caminhos singulares para a mobilidade social das diferentes gerações”, explica o autor, partindo para a abordagem aos padrões de vida das diferentes comunidades e para as trajetórias dos migrantes portugueses. Se na área petrolífera a emigração era encarada como um trabalho temporário, para ser vivido de forma espartana, de modo a maximizar rendimentos e poupanças, o trabalho em Villa Elisa apresentava maiores afinidades com as ocupações de origem no Algarve, embora exigisse adaptação, permitindo ao assalariado a ambição de se tornar produtor independente e pequeno proprietário ou, no mínimo, usar soluções intermédias, como a exploração por “meação”. Neste quadro de Villa Elisa, a imigração tende para o estabelecimento permanente e a reunificação familiar, numa forma de mobilidade social ascendente ilustrada pelo autor com a metáfora de “escada agrícola” ou “escada da floricultura”.

Importa sublinhar que estas abordagens integram a focalização de casos, com a audição do e/imigrante e recolhas de informação biográfica, com relevância para a trajetória económica e social, de que são exemplos os textos sobre os padrões matrimoniais ou sobre a vida social e étnica.

Oferecendo-nos uma leitura minuciosa dos processos migratórios dos algarvios para a Argentina, inseridos num quadro mais vasto de mobilidades, este estudo de Marcelo J. Borges, pela densidade teórica das abordagens, pelo trabalho de campo desenvolvido, pela vasta bibliografia referenciada, apresenta-se como uma investigação modelar, pelo que é de saudar a sua tradução e inerente disponibilização no mercado livreiro português.